

# Formação de professor em debate: Enflíc

José Carlos Gonçalves Gaspar  
Luciene Fernanda da Silva  
Sandra da Silva Viana  
org.



Pantanal Editora

2022

**José Carlos Gonçalves Gaspar**  
**Luciene Fernanda da Silva**  
**Sandra da Silva Viana**  
Organizadores

**Formação de professor em debate:**  
**Enflic**



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

#### Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu  
Profa. Dra. Allys Ferrer Dubois  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior  
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña  
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva  
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo  
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu  
Prof. Dr. Carlos Nick  
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos  
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva  
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos  
Prof. MSc. David Chacon Alvarez  
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira  
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira  
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão  
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins  
Prof. Dr. Fábio Steiner  
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza  
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez  
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles  
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira  
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto  
Prof. MSc. João Camilo Sevilla  
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales  
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski  
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira  
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela  
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez  
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann  
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior  
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla  
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira  
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes  
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira  
Profa. Dra. Patrícia Maurer  
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva  
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty  
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke  
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva  
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes  
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)  
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos  
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues  
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca  
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira  
Profa. Dra. Yilan Fung Boix  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

#### Instituição

OAB/PB  
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã  
UO (Cuba)  
IF SUDESTE MG  
Facultad de Medicina (Cuba)  
ISCM (Cuba)  
UFESSPA  
UEA  
UNEMAT  
UFV  
AJES  
UFGD  
UEMS  
IFPA  
UNICENTRO  
IFMT  
UFMG  
URCA  
ISEPAM-FAETEC  
IFG  
UEMS  
UFF  
(Colômbia)  
UNAM (Peru)  
IFRR  
UCG (México)  
Mun. Rio de Janeiro  
UNMSM (Peru)  
UFMT  
Mun. de Chap. do Sul  
IFPR  
Tec-NM (México)  
Consultório em Santa Maria  
UFJF  
UEG  
FAQ  
UNAM (Peru)  
SEDUC/PA  
IFB  
IFPA  
UNIPAMPA  
IFB  
UO (Cuba)  
UFMS  
UFPI  
UFG  
UEMA  
IFB  
UFPI  
FURG  
UO (Cuba)  
UFT

Conselho Técnico Científico  
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior  
- Esp. Maurício Amormino Júnior  
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

**Catálogo na publicação**  
**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

F723

Formação de professor em debate: Enfluc / Organizadores José Carlos Gonçalves Gaspar, Luciene  
Fernanda da Silva, Sandra da Silva Viana. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2022.

69p. ; il.

Livro em PDF

ISBN 978-65-81460-71-6

DOI <https://doi.org/10.46420/9786581460716>

1. Formação de professores. 2. Educação. I. Gaspar, José Carlos Gonçalves (Organizador). II. Silva,  
Luciene Fernanda da (Organizadora). III. Viana, Sandra da Silva (Organizadora). IV. Título.

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático

I. Formação de professores



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## Prefácio

*“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.*  
(FREIRE, 1991, p.32).

O leitor que se debruçar sobre a leitura deste trabalho terá a oportunidade de encontrar em suas páginas o resultado do trabalho realizado nos primeiros Encontros Fluminenses de Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática (Enflics), que ocorreram nos anos de 2011, 2017 e 2021, no campus Nilópolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Desde a sua primeira edição, em 2011, o Enflic teve por objetivo propiciar um encontro que servisse às demandas das licenciaturas do campus Nilópolis, como também às expectativas dos discentes e docentes desses cursos. Nesse sentido, em todos os anos, a programação foi organizada com o objetivo de abordar as motivações, possibilidades e desafios do processo de formação docente.

Muito tem se produzido na academia acerca da formação docente nos últimos anos. São estudos importantes e decisivos, como os estudos desenvolvidos por Paulo Freire, para o reconhecimento e a valorização de uma profissão vista, historicamente, com menor interesse por alguns estudantes, assim como por boa parte da sociedade. Os encontros realizados pelo Enflic buscaram problematizar os limites e desafios da formação docente, a partir da análise dos efeitos das políticas públicas educacionais brasileiras, dos saberes docentes e suas práticas pedagógicas.

Convém destacar que os encontros foram tão importantes para os licenciandos quanto para os professores atuantes nos cursos de licenciaturas do IFRJ, visto que os encontros também proporcionaram um espaço de formação continuada investindo na experiência compartilhada entre formadores e formados.

Daí a importância do movimento de permanência, regularidade e periodicidade do Enflic, pois o evento possibilita a construção de ressignificação do papel do professor como ator e como autor do seu próprio processo de formação, reconhecendo e valorizando a necessidade de mobilização dos diferentes saberes nesse processo de construção profissional.

**Sandra da Silva Viana**

## Apresentação

Orgulhosamente, a comissão organizadora do III Encontro Fluminense das Licenciaturas (III Enflic), composta por professoras e professores de diferentes *campi* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), apresenta este *e-book* como um desdobramento do evento ocorrido nos dias 18 e 19 de agosto de 2021. Realizado sob o regime das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs) na instituição e em período ainda crítico da disseminação do vírus da COVID-19, o evento foi um marco de resistência e integração entre professoras, professores e estudantes de licenciatura e de pós-graduação, não apenas do IFRJ, mas de diferentes instituições brasileiras. No total, foram 321 inscrições!

A programação do evento, realizado de forma totalmente remota com transmissão pelo canal do YouTube do evento<sup>1</sup>, contou com uma mesa redonda sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Novo Ensino Médio e a BNC-Formação; uma roda de conversa com o compartilhamento de experiências de licenciandas e supervisoras, coordenadoras e orientadoras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Programa de Residência Pedagógica e de projetos de Iniciação Científica; palestras sobre gamificação e a formação de professor da Educação de Jovens e Adultos e atividade cultural. Os encontros promovidos pelo evento se encontram disponíveis no canal e os textos que apresentamos neste *e-book* têm o propósito de serem complementares às discussões empreendidas.

Com a finalidade de retomar um olhar com viés histórico do próprio evento, convidamos o professor Alexandre Maia do Bomfim (IFRJ, *Campus Nilópolis*) – que fez parte dessa história – para traçar suas considerações sobre a gênese e desenvolvimento do Enflic. Em seu texto, no capítulo 1 “O Desafio de construir um Encontro Fluminense de Licenciaturas: o projeto de construção dos primeiros Enflics até sua possível consolidação”, o professor traz informações objetivas, mas também subjetivas de quem viveu o processo de consolidação institucional do Enflic no IFRJ e traz à tona a necessidade de um “projeto de manutenção dos Enflics”.

Além disso, colaboraram com o *e-book*, três professoras que participaram diretamente da programação do III Enflic. A professora Jaqueline Luzia da Silva (Uerj), no capítulo 2 “Princípios da formação docente para a educação de jovens, adultos e idosos: desafios e perspectivas”, analisa alguns princípios da formação de educadores no contexto da modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Por sua vez, a professora Katia Curado (UnB), no capítulo 3 “Formação de Professores na Base Nacional Comum Curricular: conceitos em disputa” se dedica à temática da formação de professores, mostrando as concepções e as consequências da formação baseada em competências conforme disposto na BNC-Formação e advoga pela proposição de um projeto formativo emancipador baseado no entendimento da competência como práxis. Por fim, Luciene Silva (IFRJ, *Campus Nilópolis*) sistematiza no capítulo

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC0hTdaU2woOCQEAXvGzAaRA/featured> Acesso em: 19 nov. 2022.

“PIBID, Residência Pedagógica e PIBIC: experiências nas licenciaturas do IFRJ” as experiências compartilhadas no III Enflic sobre a participação de alunas e professoras nesses programas e as contribuições para a formação docente nas licenciaturas do IFRJ em tempos de pandemia.

Esperamos que a leitura seja proveitosa, assim como o evento foi para os participantes. No formulário final de nossa avaliação final, um deles nos escreveu: *“Achei maravilhoso participar do evento, momento de encontro com professores e colegas no chat do youtube. Palestra edificadora e construtiva. Foi a minha primeira vez de participar como ouvinte no evento, com certeza participarei das próximas”*. Vida longa aos Enflics!

**Comissão organizadora.**

## Sumário

<b>Prefácio</b>	<b>4</b>
<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo I</b>	<b>8</b>
O Desafio de construir um Encontro Fluminense de Licenciaturas: o projeto de construção dos primeiros Enflics até sua possível consolidação	8
<b>Capítulo II</b>	<b>33</b>
Princípios da formação docente para a educação de jovens, adultos e idosos: desafios e perspectivas	33
<b>Capítulo III</b>	<b>43</b>
Formação de Professores na Base Nacional Comum Curricular: conceitos em disputa	43
<b>Capítulo IV</b>	<b>59</b>
PIBID, Residência Pedagógica e PIBIC: experiências nas licenciaturas do IFRJ	59
<b>Índice Remissivo</b>	<b>67</b>
<b>Sobre os organizadores</b>	<b>68</b>
<b>Sobre os autores</b>	<b>69</b>

# O Desafio de construir um Encontro Fluminense de Licenciaturas: o projeto de construção dos primeiros Enflics até sua possível consolidação

 10.46420/9786581460716cap1

Alexandre Maia do Bomfim<sup>1</sup> 

## INTRODUÇÃO

Antes de tudo, vale alertar que este capítulo não está vindo com a tarefa exata de historicizar os primeiros Encontros Fluminenses de Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática que ocorreram no campus Nilópolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), algo que pode ser realizado noutra oportunidade. Ainda que entendamos que os itens que levantamos aqui possam servir como ponto de partida para pesquisadores futuros que queiram trazer os pormenores dessa história (numa dissertação de mestrado ou mesmo numa tese de doutorado), aqui, a tarefa singela e principal foi trazer à tona as motivações, os desafios, os limites e os itens exitosos que estiveram no início da construção desses primeiros encontros. Pressupomos ainda permanecer, com a esperança de que possam contribuir com um projeto mais estruturado para a continuação dessa ideia, até que se chegue, por exemplo, a uma periodicidade mais curta e regular que consolide de vez o nosso Encontro Fluminense de Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática (Enflic).

É bom que esta reflexão aconteça para um capítulo de livro e não para artigo científico, porque há aqui mais flexibilidade para apreendermos também a subjetividade de alguns dos pioneiros envolvidos (inclusive a minha). Claro que objetivamente temos aqui algumas fontes primárias desses eventos, como também temos breves entrevistas, tudo para esses propósitos, a seguir. O que devemos fazer para que haja mais Enflics? Como fazer com que os anos entre as edições não se distanciem muito? E, o mais importante, como garantir que o Enflic se torne um evento importante, conhecido e significativo ao menos para a realidade fluminense?

Até agora tivemos três Enflics: o primeiro ocorreu em maio de 2011, o segundo ocorreu em fevereiro de 2017 e o terceiro em agosto de 2021. Os dois primeiros ocorreram de forma presencial no campus Nilópolis, enquanto que o terceiro ocorreu de forma remota, porque ainda nos encontrávamos na pandemia da covid-19. Do primeiro para o segundo distamos quase seis anos; do segundo para o

---

<sup>1</sup> Professor associado III em Sociologia da Educação e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências (Propec) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) – Rio de Janeiro/RJ – Brasil. E-mail: alexandre.bomfim@ifrj.edu.br.

terceiro foi um pouco menos, quatro anos. Enfim, em 10 anos tivemos três Enflics. Podemos já fazer algumas observações. É curioso constatar que, mesmo tendo ocorrido poucos eventos dentro de um período razoavelmente longo, houve a manutenção do nome do evento, foi marcada a continuidade, houve referência aos anteriores. Ou seja, não foram eventos estanques de que aqui tentamos a posteriori fazer ligações. E mais: houve participantes que estiveram nas três edições, alguns inclusive como organizadores, o que acaba também garantindo que o Enflic se estenda ao longo do tempo, da mesma forma que está geograficamente alocado num lugar específico, em Nilópolis (mesmo em sua edição remota).

A seguir, vamos tentar adentrar um pouco nas duas primeiras edições do Enflic.

### **ENCONTRO FLUMINENSE DE LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA: quando o “Enflic” ainda não era chamado “Enflic”**

O título acima é o próprio mote desta seção. O “primeiro encontro de licenciaturas” realmente não poderia se perceber com a sonora sigla “Enflic”, pois “Enflic” não existia ainda (isso só vai ocorrer depois), como também não se poderia garantir que haveria mais edições... A única coisa que desejávamos naquele momento era fazer um encontro que servisse às demandas de nossas próprias licenciaturas, as do campus Nilópolis, como também às expectativas dos discentes e docentes desses cursos. Na verdade, começamos a pensar o encontro desde seus itens mais básicos, porque um grupo de professores foi constituído para isso, impulsionado pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da época, a Prograd. Aos poucos fomos dando os contornos à proposta, fomos definindo o que queríamos. O encontro poderia ter se restringido a Nilópolis, poderia ter ficado territorialmente na Baixada Fluminense, como também poderia ter como horizonte apenas o próprio IFRJ. No fim, além de tudo isso, ampliamos bem. Então, seria em Nilópolis, seria na Baixada, no Instituto, mas nosso convite se estenderia a todo o Rio de Janeiro. Dessa maneira, deve ficar claro que “Fluminense” no nome do evento (e da iminente sigla) não está restrito à Baixada ou mesmo à realidade metropolitana, mas é extensivo a todo o Estado do Rio. Ali já assumimos que o evento não seria local, mas regional. Quanto a ser um evento nacional, nunca ficou completamente de lado essa possibilidade; de certa forma assumimos essa regionalidade apostando que em alguns momentos (ou algum dia) haveria como ampliarmos o convite a todo o país. Mas podemos dizer que já no primeiro houve algum alcance nacional.

#### ***Alguns documentos para reavivar a memória***

Vamos agora ver alguns registros desse evento. A seguir a imagem do pôster que utilizamos à época.



Figura 1. Capa do folder do primeiro Enflic.

A capa do folder acima é uma fonte primária preciosa, porque há muitas informações nesse simples documento, considerando que na época fizemos despretensiosamente para os fins de divulgação do evento. O “primeiro Enflic” (vamos chamá-lo assim, alertando que naquele momento a sigla não se fazia presente com essa força) tinha representantes de grupos do próprio IFRJ. Primeiramente, o “Espaço Ciência InterAtiva”, que naquele momento ainda estava alocado no campus Nilópolis (pouco tempo depois vai se instalar no campus Mesquita do IFRJ). O Espaço Ciência InterAtiva era composto por professoras e professores que realizavam atividades de ensino, pesquisa e extensão. Vale destacar as atividades de extensão que realizavam e que naquele momento já ensaiavam o Centro de Ciência e de Divulgação Científica, que se tornaria depois em Mesquita<sup>2</sup>. E vale ressaltar que alguns professores desse grupo estavam à frente do “Programa de Consolidação das Licenciaturas” (Prodocência) da Capes, de onde vinha o principal recurso financeiro para o evento.

A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (Prograd) era a principal parte da gestão do IFRJ participante na organização do primeiro evento. O Laboratório de Metodologias de Ensino de Ciências e Matemática (LabMet) estava ali sendo implementado, porque era uma das metas estabelecidas pelo

<sup>2</sup> Vale conferir: <https://www.instagram.com/espacocienciainterativa/>; <https://pt-br.facebook.com/espacocienciainterativa/>.

projeto ligado ao Prodocência. Por fim, participou também efetivamente dessa organização o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências (Propec) do IFRJ campus Nilópolis. Esses – pode-se dizer assim – foram os grupos institucionais que estiveram à frente do primeiro Enflic.



Figura 2. Parte interna do folder do primeiro Enflic.

A parte interna do folder confirma alguns itens, mas traz outras informações importantes. Além dos integrantes dos grupos que mencionamos acima, também tivemos a participação de colegas do IFRJ de outros campi e de outras instituições (como do Museu de Astronomia e Ciências, PPFH da Uerj, Colégio Pedro II e Instituto de Biofísica da UFRJ), alguns outros alocados especialmente na Comissão Científica, caracterizando ainda mais o evento como intercampi e interinstitucional.

O encontro conseguiu trazer debates importantes e professores pesquisadores com reconhecida trajetória acadêmica. No primeiro dia, a conferência de abertura foi com o professor Attico Chassot (do Centro Universitário Metodista-IPA do Rio Grande do Sul). No segundo dia, tivemos uma mesa com as professoras Guaracira Gouvêa de Sousa (Unirio) e Lúcia Arruda Albuquerque (UFRJ); a outra mesa com a professora Maura Ventura Chinelli (UFF) e com o professor Mauro Guimarães (UFRRJ). E foi entre essas mesas que tivemos as apresentações dos pôsteres, na programação do segundo dia.

Pode-se dizer que o evento cumpriu seus principais objetivos, obteve um grande público, tanto pelos que apresentaram os pôsteres (ver anexo) quanto pelos que foram assistir. Conseguiu repercussão regional e até para além. Vale ver que o evento foi anunciado até na página da Capes, abaixo.

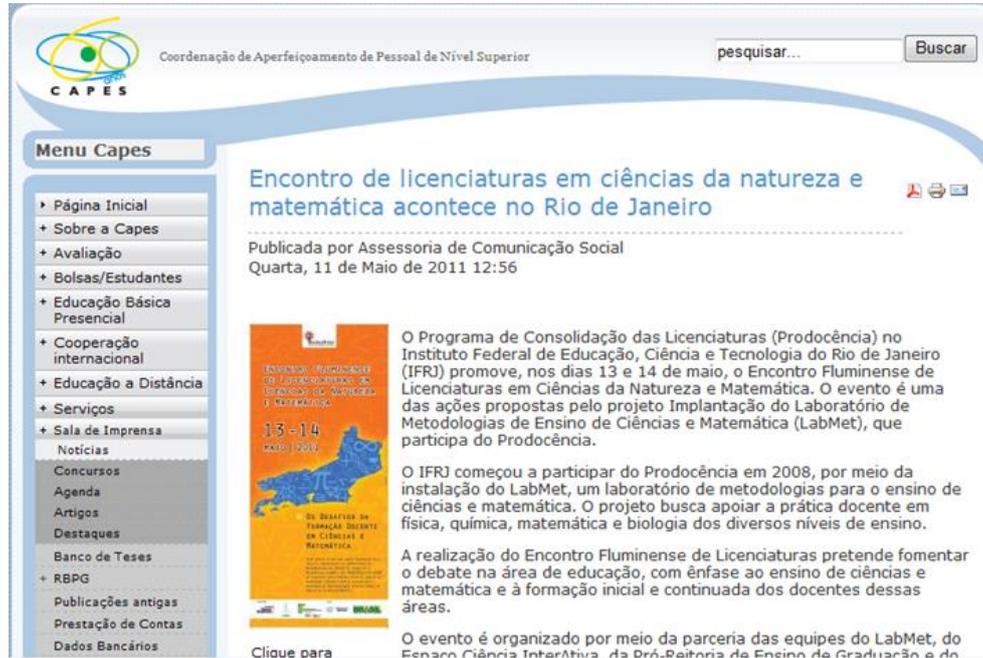


Figura 3. Anúncio do primeiro Enflic na página da Capes (parte 1).

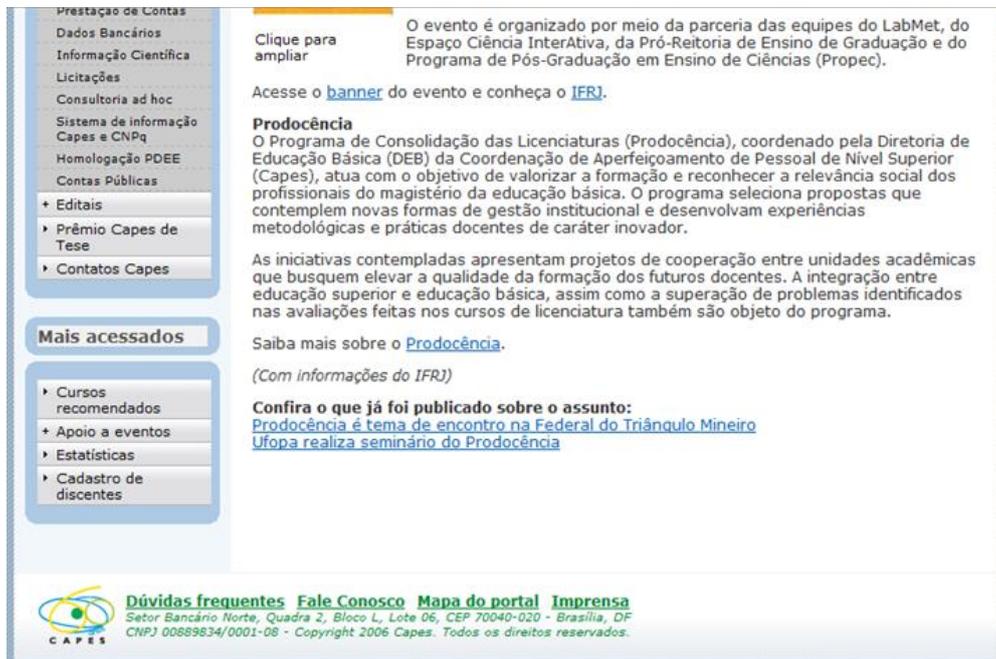


Figura 4. Anúncio do primeiro Enflic na página da Capes (parte 2).

É possível constatar que o primeiro Enflic teve a marca do campus Nilópolis, mas foi muito abraçado pelo IFRJ como um todo, talvez seja uma característica importante de se manter no “projeto de manutenção dos Enflics”.

Nas pesquisas que fizemos, aleatoriamente na internet, buscando fragmentos do primeiro evento, acabamos encontrando um site que trazia os trabalhos que foram apresentados à época. Um site que simplesmente fez o papel de divulgar o evento (conferir anexo A) e que nos possibilitou resgatar à memória a quantidade expressiva de trabalhos enviados para o evento no formato pôster. Não obstante, não somente a partir desse site, mas consultando nossos arquivos, anotações, planilhas do evento, constatamos que foram submetidos 65 trabalhos, sendo que, desses, 61 foram aprovados, todos para apresentar no formato pôster. O evento já começou grande. Abaixo, vai o modelo de certificado de participação, que nos permitirá mais algumas inferências.



Figura 5. Certificado utilizado no primeiro Enflic.

No certificado acima aparecem os nomes da professora Mônica Romitelli de Queiroz, Carla Mahomed G. F. Silva e Sheila Pressentin Cardoso, que respectivamente estavam como pró-reitora de Ensino de Graduação, coordenadora institucional do Prodocência – IFRJ e diretora-geral do campus Nilópolis. Vale trazer esse registro para demonstrar como, em termos de gestão institucional, nos apresentamos à comunidade com esse evento. Não obstante, algo deve ser dito de imediato, pois curiosamente toda essa participação (inclusive da Capes) pode indicar que, para a construção do evento, não faltaram recursos, especialmente o financeiro, só que não se deu dessa maneira. Mesmo com a Prodocência da Capes, pouco havia de recursos para além daqueles já pertencentes à estrutura orçamentária do Instituto. Isso é algo que pode ser confirmado em alguns depoimentos (que apresentaremos à frente). Alguns palestrantes precisaram ser do Rio de Janeiro para que os próprios organizadores pudessem garantir o traslado. Somente o professor Attico Chassot veio de fora do Rio,

ainda assim com recursos do campus. Houve até coleta entre os organizadores para financiar parte do coffee break.

A organização do evento não foi fácil, envolveu pessoas distintas e de grupos bem diferentes para fazer possivelmente seu primeiro trabalho coletivo dentro da Instituição, naquele momento. Na verdade, trabalhos coletivos dessa monta nos Institutos não é muito comum, considerando as características das equipes, grupos, setores que costumam realizar separadamente seus eventos específicos. O que ocorreu com o primeiro Enflic é que já partia do envolvimento de três licenciaturas do campus Nilópolis (Física, Química e Matemática), somado o envolvimento do grupo Ciência InterAtiva, do Propec e da Pró-Reitoria. Claro que divergências ocorreriam, desde a concepção do evento até situações sobre efetiva participação no trabalho. De qualquer forma, o alcance e o sucesso do evento demonstraram que trabalhos coletivos mais amplos são importantes ao Instituto, porque ajudam a obter uma visão mais holística da instituição e rompem um pouco com os movimentos isolados dos grupos e ainda podem promover consensos.

### ***Pioneiros do Enflic: depoimentos de alguns dos que lá estiveram***

Com base nos documentos acima, especialmente do fôlder do evento, fomos atrás dos nomes que li aparecem. Fomos atrás dos organizadores e de alguns que estiveram na comissão científica. Reiteramos que a proposta deste capítulo não foi trazer os pormenores daquela experiência, mas apreender um fio condutor que nos traga ao presente, que pudesse nos ligar às outras edições do Enflic (para outros capítulos dessa história) e nos possibilitasse retirar algumas lições e que inclusive nos permitisse enxergar algum horizonte para continuidade desse encontro ou para obter lições para outros. Por conta disso, fizemos um roteiro simples (ver anexo B) que nos permitisse chegar aos entrevistados de forma semelhante, mas com liberdade para responder ao que quisessem e da forma que quisessem<sup>3</sup>...

A primeira questão posta aos entrevistados e que coloquei para mim também foi: “o que, de imediato, você lembra do primeiro Enflic?”. Então, aqui nesta parte entraremos com meus depoentes numa conversa sobre aquele evento, permitindo-me participar (algumas vezes na primeira pessoa do singular). E, de imediato, lembro-me da palestra de Attico Chassot feita na quadra do campus Nilópolis. Chassot foi trazido por alguns dos organizadores num carro oficial do Instituto. Vinha de um hotel do centro do Rio de Janeiro até Nilópolis, havia passado por um engarrafamento de quase quatro horas (segundo o próprio Chassot, como veremos à frente) e chegou com uma aparência de muito cansaço (ele estava com 71 anos à época). Apesar disso, fez uma fala muito potente e amorosa. Um item penetrava na fala dele, tanto que foi observada por ele várias vezes, que era o barulho do trem. A quadra localizada

---

<sup>3</sup> Nenhum dos entrevistados pediu alguma restrição em relação aos seus depoimentos. Dessa forma, utilizaremos o primeiro nome de cada um deles, o que não impedirá de serem identificados (inclusive para pesquisas futuras). Ainda assim, vale ratificar o respeito máximo a esses depoimentos e a expectativa de que sejam aqui utilizados para constituir exclusivamente a nossa apreensão daquele evento, quer dizer, a responsabilidade da interpretação dos fatos é integralmente nossa e não dos entrevistados.

nos fundos do campus de Nilópolis é relativamente próxima da linha do trem. Eram os elementos do imponderável que entravam em cena e caracterizavam que aquela palestra se dava na Baixada Fluminense: o engarrafamento e o som do trem...

Ismárcia, uma das professoras das licenciaturas e uma das organizadoras, ressaltou o tamanho e o quanto o encontro conseguiu ser abrangente: “o que vem à mente, como primeira imagem, foi o alcance que a gente obteve, né? A gente nem esperava tanto, mas conseguimos o envolvimento das licenciaturas dos campi, conseguimos fazer com que os alunos e professores viessem (...)”. E um ponto que a Ismárcia trouxe que eu havia esquecido foi que “(...) a gente conseguiu fazer a maior parte do evento no sábado, aí conseguimos trazer uma presença maior dos alunos (...)”. E foi isso mesmo, 13 de maio de 2011 (o primeiro dia) foi uma sexta-feira e 14 de maio foi um sábado. Quer dizer, Chassot pegou um trânsito na hora do rush para fazer sua palestra numa sexta-feira 13. Esse registro da Ismárcia nos fez lembrar que o primeiro Enflic tinha suas principais atividades acontecendo no sábado e com um sucesso de público. Um detalhe muito curioso, considerando que era um horário a mais, já que docentes e discentes costumavam estar presentes nas licenciaturas apenas de segunda a sexta. Quer dizer, fizemos com que todos fossem num sábado a Nilópolis. Possivelmente isso deu mais concentração para quem esteve lá, pois era um dia do campus e de todos para o evento. (O quanto isso teria aderência num novo Enflic?)

Ismárcia lembra “com emoção” que aquele primeiro Enflic “conseguiu de fato integrar as três licenciaturas”. E complementa que, apesar de o Prodocência não ter alcançado todos os objetivos, como a efetivação de fato do LabMet, esse primeiro Enflic foi “trabalhoso (...), a gente não conseguiu fazer tudo que queríamos, pois tivemos uma verba muito limitada, mas com um envolvimento de muitos profissionais e com os alunos estando muito participativos, foi muito legal”.

Essa integração também é registrada por Grazielle, também professora do campus à época, participante do Ciência InterAtiva e uma das organizadoras do evento: “(...) observar a participação dos alunos de todas as licenciaturas de Nilópolis de modo integrado, (...) chamou a atenção a integração entre os cursos.” A seguir, vale uma passagem da professora Maylta, participante do evento, professora do Propec e que contribui muito na comissão científica. Abaixo, além da descrição do que viu, nos oferece uma reflexão:

Recordo, ainda, de como os alunos se organizaram para o sucesso do evento. Sentiam-se mais que participantes ativos, sentiam-se empoderados. O Encontro foi realizado na quadra de esporte. Local em que caberia um maior número de alunos. Democratizar o acesso para todos era a intenção maior, por isso realizá-lo ali. Receber eminentes professores, pela primeira vez na Baixada Fluminense, em Nilópolis, significou, além da honra, a importância da instituição...

Além desses colegas, vale trazer trecho de uma aluna que participou daquele momento, que nos ajudou como monitora, além de ser uma aluna de Licenciatura de Química na época. Flora nos disse como via a importância de eventos como Enflic: “acho que é o momento de repensarmos a docência. Há muita importância nesse evento, principalmente porque podemos colocar em pauta temas comuns como a docência e as novas tecnologias; a formação dos profissionais para uma geração digital”.

E como estamos tentando obter também os fatos e as memórias afetivas, vale trazer o trecho de outra professora do campus que também esteve na comissão científica desse primeiro Enflic (e que participaria mais efetivamente das edições seguintes). Eis a lembrança de Sandra: “o que mais me marcou nesse Enflic foi isso, a presença do Chassot, eu não o conhecia, conhecia o trabalho dele, mas não o conhecia pessoalmente, uma figura muito simpática, muito acessível, com os ideais muito próximos a Paulo Freire, né?”

O primeiro Enflic foi realmente marcante, foi coletivo, trabalhoso, com pouco recurso financeiro, com um ótimo material humano (ainda que isso não diminuísse alguns conflitos) que culminou em um dia e meio de muito conteúdo e afetividade, terreno superfavorável para a construção da ciência e reflexão sobre a formação docente – principais objetivos desse Encontro de Licenciaturas. Com certeza esse sucesso contribuiu muito para que se desejassem e se efetivassem outras edições do Enflic.

Vale trazer uma passagem maior da professora Maylta, que mais uma vez, além de tentar recordar, avalia numa metanarrativa atemporal para nós:

Ao buscar a lembrança do evento, faço uma reflexão acerca do que ele resultou após mais de uma década do seu acontecimento. Vejo assim, (...) continuamos a discutir muitas questões que me foram nele [no evento] apresentadas. Uma delas é a confiabilidade que as populações têm ou não nos processos científicos... E de como há necessidade de se divulgar a ciência no processo escolar. Como a ciência repercute nas populações? Era uma pergunta sempre colocada nas mesas. Lembro, até hoje, do professor Attico Chassot, de como sua fala nos aproximava da Ciência. Lembro de como foi importante ouvi-lo falar sobre alfabetização científica e a importância dela na formação de professores, especificamente os professores de ensino de ciências.

Que dizer, o evento, por ter efetivamente se materializado da maneira como foi, com as características que obtive, considerando o lugar, as pessoas, nos disse tanto quanto o conteúdo. A fala do professor Attico Chassot foi tão emblemática quanto fazer isso numa quadra. Algo que não ocorreu por improviso, mas sim como uma alternativa à dificuldade que se apresentou (porque o auditório não estava disponível).

Priscila, professora do campus na época e uma das organizadoras, também reitera impressões que tivemos com as demais entrevistadas até aqui... Vale o trecho:

Acho que o que marcou mesmo foi o sucesso (...), um evento que teve uma intensa participação dos estudantes, isso foi muito positivo... E me recordo muito da participação do IFF [outro instituto], né? Várias pessoas [do município] de Campos vieram apresentar trabalhos, foi muito bacana. Além disso, também os palestrantes, né? Se não me engano também, além do Chassot, o Mauro Guimarães também fez uma fala...

Ao mencionar Mauro Guimarães, Priscila nos recorda que no sábado tivemos momentos tão emblemáticos como na véspera com Chassot.

Priscila, que também representava a Prograd (Pró-Reitoria de Ensino da Graduação), noutro trecho confirma por que esse encontro já possuía vocação para no mínimo ser intercampi, pois era uma demanda não só de Nilópolis, mas era também demanda de outros campi do próprio IFRJ que já possuíam também licenciaturas.

A importância do Enflic para o IFRJ... era você ter a oportunidade de ter um evento que juntasse estudantes e docentes que trabalhavam e estudavam nos cursos de licenciaturas do IFRJ (...) [De forma] que pudessem se encontrar (...). Caxias tinha Licenciatura em Química (...), Volta Redonda tinha Licenciatura em Matemática e Nilópolis com suas três (...). Foi uma primeira grande oportunidade dessa troca de experiências (...) e continua sendo importante, na minha visão, até os dias de hoje.

Priscila estava no carro que levou Chassot do centro do Rio para Nilópolis. Vale um trecho em que ela compartilha em que muitas vezes o aprendizado, o acontecimento novo que ocorre, nem sempre está naquilo que é visível por todos.

(...) A presença do Chassot foi muito marcante para mim, [por] ele ser da área de Química, né? E toda experiência e visão que ele traz, né? Visão de mundo... Eu me lembro dele falando da experiência com o MST... (...) De como tinha ficado extremamente encantado, de como as pessoas se organizavam para fazer as coisas, de como faziam sabão de cinzas (...).

Por fim, vale terminar essa seção com trechos do próprio Chassot. Trechos que não vieram de uma entrevista recente, mas de um blogue dele que conseguimos encontrar na Internet, blogue que regularmente é atualizado até os dias de hoje (<http://mestrechassot.blogspot.com/>). Estão lá registradas exatamente suas anotações referentes àquele dia 13 de maio de 2022.

Estou postando esta edição desde o centro do Rio de Janeiro, a vista com o histórico Teatro João Caetano. Cheguei aqui pelas 13 horas. Às 16 horas parti com colegas da Pró-Reitoria do IFRJ rumo a Nilópolis, cidade que integra a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Seu nome foi dado em homenagem ao presidente da república Nilo Peçanha. (...) Levamos quase 4 horas para percorrermos cerca de 45 km. Na volta fizemos o mesmo trecho em 40 minutos.<sup>4</sup>

Quase quatro horas num engarrafamento na ida e apenas 40 minutos na volta, claro que isso é de chamar atenção. São os elementos que circunscrevem os eventos, que curiosamente são os desafios, mas também são os elementos que deixam suas marcas.

Vale mais um trecho maior de seu blogue:

A palestra ‘Das disciplinas à indisciplina: caminho inverso para leitura do “mundo real”, de cerca de 2 horas para cerca de 400 pessoas foi muito aplaudida. Muito me gratifico a três maridos, que não são da área da Educação, mas estavam ali para acompanhar as esposas: vieram dizer-me que o quanto apreciaram minha fala. [sic]

Após a palestra autografei dezenas de meus livros e tirei muitas fotos. Um aluno veio me pedir autógrafo em uma edição xerox do “Catalisando transformações na Educação Química” esgotado há quase 15 anos e uma bibliotecária trouxe um exemplar da 9ª edição de “Ciência através dos tempos”, que está na 23ª. (...) A seleção envolve conhecer o ginásio de esportes, que zunia com as muito frequentes passagens do trem, que me faz evocar os trens que estão no “Memórias de um professor: hologramas desde um trem misto”.<sup>5</sup>

No trecho acima, Chassot fala do quantitativo de pessoas presentes naquela sexta à noite, assim como do som do trem (que havíamos mencionado acima). Chassot registra que estariam presentes no momento da palestra (que durou duas horas) um número próximo de 400 pessoas<sup>6</sup>. No seu blogue postou orgulhosamente as fotos abaixo:

<sup>4</sup> <http://mestrechassot.blogspot.com/2011/05/14-o-olhar-da-mente.html>

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> E a expectativa era realmente essa, pois em e-mails trocados entre a comissão organizadora existia a preocupação que a quadra, entre outros problemas, talvez tivesse uma acústica ruim para acolher tanta gente. Vale um trecho de um e-mail trocado



**Figura 6.** Imagens do Blogue de Chassot. Fonte: <http://mestrechassot.blogspot.com/2011/05/14-o-olhar-damente.html>

É realmente muita gente. Nem o próprio Chassot, com toda sua experiência, deixou de se emocionar e se entusiasmar com o que viu. A forma carinhosa como tratou do evento no blogue demonstra que para ele também o primeiro Enflic foi marcado pela emoção.

Foram muitas as lições do primeiro Enflic, desse Enflic que assim ainda não era chamado. O primeiro “Encontro Fluminense de Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática” começou até timidamente, vinha para cumprir uma das metas estipuladas com a Capes em relação ao Prodocência, mas foi se avolumando, se avolumando e assim foi até a culminância, que ocorreu nos dias 13 e 14 de maio de 2011. O que podemos tirar dele, não só como memória, mas para levar adiante? O primeiro Enflic mostrou a importância do trabalho coletivo; que metas podem ser ampliadas; que as dificuldades não devem ser menosprezadas, mas não devem ser limitantes; que causas importantes, como a formação

---

com a coordenadora do Prodocência, Carla: “Uma das questões que foi colocada diz respeito ao próprio espaço físico para comportar mais de 400 pessoas ao mesmo tempo: temperatura, alcance do áudio, entre outros. Portanto, o grande problema não [seriam] eram os certificados. (...). Dessa forma, já tínhamos contado com as ausências e com a possibilidade de extras e estipulamos um teto: 400 pessoas (300 inscritos + 50 faltosos + 100 extras). Decidimos também que não abriríamos essas exceções, justamente pela limitação física da quadra e que responderíamos às solicitações por e-mail (...). Inclusive, limitamos o número de vagas para o professor do IFF que traria, a princípio, 90 alunos.”

docente e o ensino de ciência, precisam desses espaços de interação e divulgação. Vale terminar essa parte com essa passagem da professora Priscila: “*eu acho que o Enflic deveria sim, deveria continuar e acredito que envolver outras instituições e mais estudantes nessa organização pode fazer com que esse evento fique ainda mais interessante para todo mundo.*” Esses dois aspectos (*outras instituições e mais estudantes*) ocorreram no primeiro Enflic, talvez até inesperadamente ou para além dos primeiros planos, mas seriam itens que precisariam ser observados em qualquer nova edição do Enflic... Vamos ver um pouco disso, a seguir.

## UM POUCO DO SEGUNDO ENFLIC: como manter o fio da meada?

De maneira alguma desejamos entrar a fundo nas duas outras edições do Enflic, a que ocorreu em 2017 e a que ocorreu em 2021 (em plena pandemia). Essas não foram nossas tarefas principais. Não obstante, vamos entrar um pouco na segunda edição (em que também estive na organização) para garantir reflexões para o que estamos chamando de “projeto de manutenção dos Enflics” e para garantir que algumas informações que possuímos estejam aqui organizadas.

Primeira informação: a segunda edição do Enflic talvez não tenha obtido a amplitude do primeiro, mas também deixou marcas poderosas que precisam ser firmemente observadas para outras edições. A primeira e a mais emblemática é o nome (Enflic) e a logo. Essas foram as primeiras conquistas dessa edição. Como dissemos antes, o primeiro Encontro de Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática ainda não era “Enflic”, mas agora seria. Abaixo vai o layout de nosso banner:



Figura 7. Banner do II Enflic.

Os grupos organizadores também agora são outros, ainda que tenhamos professores que participaram da primeira edição. Vale dizer que o II Enflic conseguiu também apoio da Capes, agora pelo Programa de Apoio a Eventos no País (Paep). Ainda que tenha sido um recurso financeiro bem pequeno, ajudou em sua construção.

Sobre os grupos, vale dizer que o campus Nilópolis, na segunda edição, está com uma outra gestão e nesse momento possui uma coordenação que entra em cena, a Coordenação de Extensão (Coex). E foi a Coex que reiniciou as conversas com alguns professores para assumir a segunda edição do Encontro de Licenciaturas de Licenciaturas em Ciências da Natureza e Matemática. As primeiras reuniões começaram em 2015. E, conforme os professores foram chegando para essa conversa, foram levando de certa forma os grupos de que participavam originalmente. Assim, vieram compor o II Enflic: Programa *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências (Propec), Laboratório de Ensino de Matemática (Labem), Grupo de Trabalho-Educação e Educação Ambiental (GPTEEA), Laboratório de Aplicações Computacionais (LAC), Programa de Educação Tutorial (PET-Conexões de Saberes em Produção Cultural), Licenciatura de Matemática (LM). Todos do IFRJ, todos lotados em Nilópolis. Ou seja, semelhante ao primeiro Enflic, o segundo também consegue aglutinar grupos e se constituir como um trabalho coletivo. No livro da programação, assim o II Enflic se apresentou:

O objetivo maior do II Enflic é proporcionar reflexões e debates, sobre potenciais novas pesquisas acadêmico-científicas e produtos educacionais a respeito da formação inicial e continuada, para professores e pesquisadores interessados em Ensino de Ciência e Matemática; inclusive para os estudantes de Licenciatura do IFRJ e de demais instituições interessadas nessa área. E, especificamente: (I) refletir sobre diferentes metodologias na área de Ensino de Ciências e Matemática, na Educação Básica e na Educação Superior; (II) promover reflexões a respeito do Currículo de Ciências e Matemática, para a Educação Básica e para os Cursos de Formação de Professores. (II Enflic, 2017)

Também foi um evento impactado pelo contexto histórico. As reuniões de sua preparação começaram em 2015, mas o objetivo era que o evento acontecesse ainda no primeiro semestre de 2016. Ocorre que 2016 foi marcado pelo movimento de ocupação das escolas pelo movimento estudantil e os professores deflagraram greve em apoio aos estudantes. Isso coincidiu com o calendário inicial previsto. A solução foi adiar o II Enflic para 2017, mas sem deixar de participar com os estudantes naquela luta pela Educação Pública. Com isso, reagendamos com alguns palestrantes, tivemos que realizar trocas de alguns deles, inclusive. E mantivemos algumas atividades para serem realizadas no movimento de ocupação, como a palestra do professor Fernando Penna sobre a “Escola sem partido”.

Se o II Enflic não alcançou a mesma amplitude regional e nacional que o primeiro, certamente foi ousado noutros itens. Primeiro, foi um evento de três dias (com atividades que começavam às 16h até 21h30); segundo, não acolheu somente pôsteres, mas também oficinas e comunicações. Essas comunicações foram organizadas (nos dias do evento) em quatro eixos: (1) Educação Ambiental e ensino de Ciências e Matemática; (2) tecnologias da informação e comunicação no ensino de Ciências; (3) ensino de Ciência e Matemática na educação básica; (4) formação e trabalho docente em Ciências e Matemática.

Os pôsteres ficaram organizados em seis eixos: (I) *tecnologias da informação e comunicação no ensino de Ciências*; (II) *educação inclusiva e ensino de Ciência e Matemática*; (III) *Educação Ambiental e ensino de Ciências e Matemática*; (IV) *História, Filosofia e Sociologia da Ciência*; (V) *ensino de Ciência e Matemática na educação básica*; (VI) *formação e trabalho docente em Ciências e Matemática*. Dessa forma, tivemos a previsão de apresentação de 11 oficinas, 21 comunicações e 45 pôsteres, totalizando 77 trabalhos, ou seja, tivemos mais pessoas que enviaram e tiveram trabalhos aprovados do que no primeiro Enflic.

A seguir, valem algumas fotos sobre o II Enflic para termos ideia geral do que aconteceu.



**Figura 8.** Pôsteres no saguão do II Enflic.



**Figura 9.** Fechamento após Atividade Cultural do II Enflic.



Figura 10. Exemplo 1: *Banner* do II Enflie.



Figura 11. Exemplo 2: *Banner* do II Enflie.

O II Enflie teve três palestras muito importantes, efetivamente marcadas pelo contexto político do Brasil. Naquele momento, o presidente do Brasil era Michel Temer, um dos responsáveis diretos de ter retirado a presidenta Dilma Rousseff do Palácio do Planalto. As palestras evidentemente trouxeram esse contexto; vale ver os títulos e os palestrantes.

No primeiro dia tivemos a palestra “A Política Educacional de Temer sobre os Institutos Federais: avaliação, perspectiva e reação”, dada por Luiz Edmundo Vargas de Aguiar. Luiz Edmundo foi nosso primeiro Reitor, esteve como Diretor-Geral quando ainda éramos Cefet-Química, passando para reitor do IFRJ no momento de consolidação dos Institutos em 2008. Sua trajetória política foi muito importante para tratar dessa temática, com seu teor político desde o título. A sua avaliação é que começava ali a desestruturação da Rede Técnica Federal e do quanto seria importante haver resistência por parte dos discentes e docentes dos Institutos.

No segundo dia tivemos a mesa redonda “A Educação em Ciências diante da Base Nacional Comum Curricular”, com a participação do professor Waldmir Nascimento de Araújo Neto e do professor Fernando de Araújo Penna. O professor Waldmir Nascimento do Programa de Pós-Graduação em Química (PQGu) do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi também de nosso IFRJ e de nosso Propec, veio fazer um recorte crítico sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O professor Fernando Penna, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), não veio só discutir a BNCC, mas trazer como pano de fundo a discussão que lhe deu notoriedade, que foi sobre a “Escola sem partido” (e que já havia debatido conosco em momento anterior quando houve a ocupação do movimento estudantil). Ou seja, a política era central na fala.

No terceiro dia tivemos a palestra “Currículo, Licenciaturas em Ciências e Desafios da Contemporaneidade”, dada por Flávia Monteiro de Barros também da UFF. Esse que poderia ser o tema menos politizado, também não o foi, pois, além de professora da UFF, estava à época como Secretária de Educação da Prefeitura de Niterói, o que inevitavelmente fez com que as discussões do contexto político entrassem forte.

O II Enflic também foi marcado por momentos culturais, especialmente no encerramento. Isso é importante registrar, pois foram momentos marcantes e deveriam ser sempre considerados, assim como as atividades mais corriqueiras. Por fim, vale essa passagem da professora Ismárcia, que nos ajuda com mais dois itens bem propositivos aos Enflics: (...) *a gente poderia ter isso, um evento a cada dois, um evento representativo das licenciaturas dentro da instituição IFRJ (...) E o que não pode faltar, acho essencial, é um envolvimento maior de nossos licenciandos (...)*. Quer dizer, ainda que sejam importantes bons palestrantes, obter a participação efetiva dos discentes e obter uma periodicidade e uma regularidade dará mais densidade aos Enflic.

### **TERCEIRO E QUARTO ENFLIC: nossas considerações finais**

Por fim, fim mesmo, vamos terminando nosso capítulo fazendo menção ao III Enflic, o que ocorreu no meio da pandemia. O III Enflic ocorreu integralmente de forma remota, claro que foi completamente diferente dos anteriores. E certamente que tudo o que ocorre num evento presencial, especialmente em relação à forma, não teremos nessa terceira edição. As reflexões sobre esse formato

ocorrerão noutros capítulos da história, mas há dois itens que podemos antecipar dessa experiência. Antes, vamos para nossa penúltima imagem:

**III Encontro Fluminense das Licenciaturas**  
IFRJ - Campus Nilópolis  
Dias 18 e 19 de agosto de 2021  
17h30 min às 21h30min

**PROGRAMAÇÃO**

**18/08/2021 (QUARTA-FEIRA)**

- 17h30min – Mesa de abertura
- 17h50min – Mesa redonda: BNCC, Reforma do Ensino Médio e BNC Formação: implicações na formação de professores - Katia Curado (UnB e Anfope) e Fernando Penna (UFF).
- 20h – Roda de conversa – PIBID, Residência Pedagógica e PIBIC: contribuições para a formação docente. (Mediação: Luciene Silva -IFRJ)  
Convidados: representantes dos grupos do PIBID, Residência Pedagógica e Projetos de Iniciação Científica dos cursos de Licenciatura do IFRJ.

**19/08/2021 (QUINTA-FEIRA)**

- 17h30min – Gamificação: Estratégias para o ensino de Ciências e Matemática – Prof. Vinicius Munhoz Fraga (IFRJ - Caxias).
- 19h10min – Formação de professor e a EJA - Profª. Jaqueline Luzi Silva (Uerj).
- 20h40min- 21h20min – Apresentação cultural.

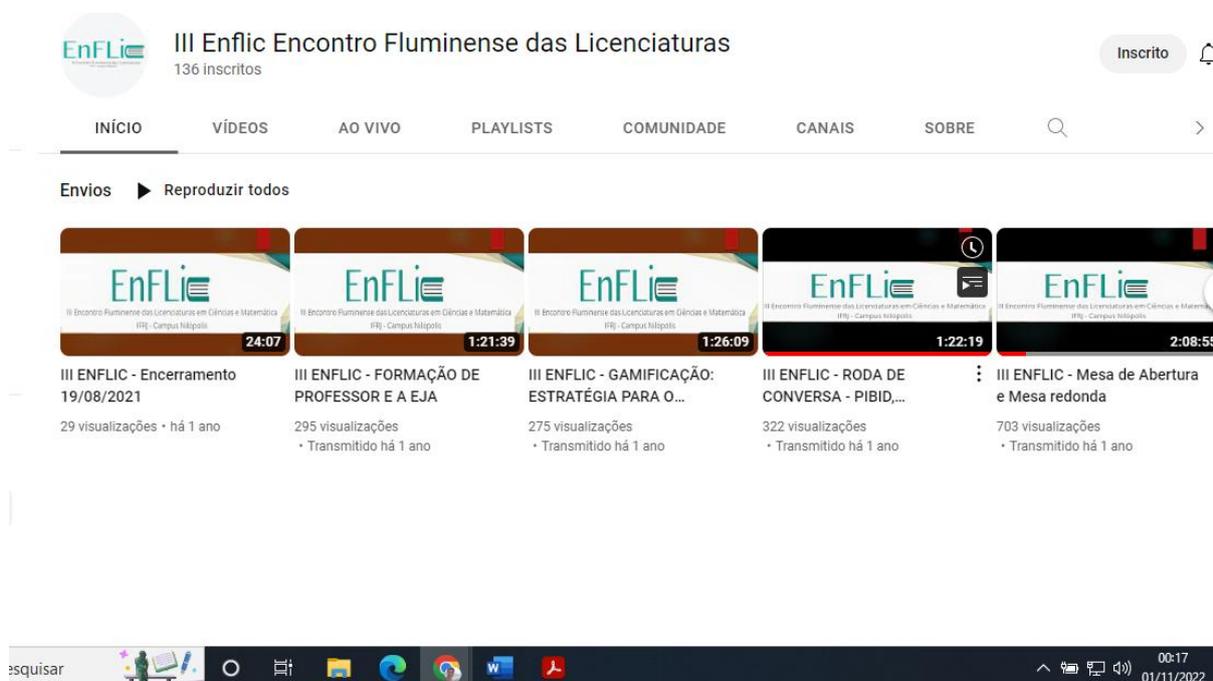
Inscrições:  
<https://forms.gle/AnUSutPgwrCQQ3kA7>

Transmissão: [Clique aqui e acesse o nosso canal no Youtube](https://www.youtube.com/channel/UC0hTdaU2woOCQEAXvGzAaRA)

Apoio:

Figura 12. Banner Eletrônico do III Enflic.

O primeiro item a ser destacado do III Enflic é o alcance em relação a participantes que um evento na internet pode obter. Eventos on-line podem ser acessados por várias pessoas, pois não há limitação física de um auditório. Claro que não podemos qualificar essa participação, podemos supor inclusive que pode ser muito disperso por parte de um número significativo dos participantes, considerando que remotamente as pessoas podem estar conciliando várias atividades e podem estar com uma concentração bem menor. E o outro item é que esse acesso pode ocorrer também diacronicamente. Então, o III Enflic pode obter acesso neste instante (só clicar agora: <https://www.youtube.com/channel/UC0hTdaU2woOCQEAXvGzAaRA>). Vamos para nossa última imagem:



**Figura 13.** O III Enflie no Youtube.

Como pode ser visto na imagem acima, no dia 1º de novembro de 2022, tínhamos em cada atividade muitas visualizações. A Mesa de Abertura e a primeira Mesa do evento estavam com 703 visualizações. Essa situação mais perene do evento é um item também importante a ser considerado. Um quarto Enflie pode abrir mão desse registro eletrônico, desse potencial proporcionado pela internet? Entendemos que isso é algo para marcar os próximos Enflies, esses dois elementos: o alcance síncrono e diacrônico de um evento remoto.

Com tudo o que refletimos aqui é possível elencar vários elementos para um quarto Enflie e para um movimento de permanência, regularidade e periodicidade desse projeto. É isso que vamos chamando “projeto de manutenção dos Enflies”. Talvez fosse interessante ter uma equipe permanente, mas, como é difícil que ao menos haja membros das comissões organizadoras ao longo dessa história que possam levar o legado, que possam passar o bastão... Até a próxima!

## REFERÊNCIAS

- II Enflie. *Enflie – II Encontro Fluminense de Licenciaturas em Ciências e Matemática*. Livro da programação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Campus Nilópolis. 7, 8 e 9 de fevereiro de 2017.
- Lang, A. B. S. G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. BOM MEIHY, J. C. S. (Org.). *(Re) introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- Neves, L. Memória e História: potencialidades da história oral. *Revista ArtCultura*, Uberlândia, v. 5, n. 6, p. 27-38, 2003

- Paulilo, M. A. S. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. *Serviço social em Revista*, v. 1, n.1, 135 - 148. Londrina, 1999.
- Portelli, A. O que faz a história oral diferente. *Cultura e Representação*. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ., 1997.

## ANEXOS

### Anexo A

#### Quadro A. Trabalhos apresentados no formato pôster no primeiro Enfluc.

<p>1. A. C. Das Mercês, C. S. P. Sant'anna, J. C. Messeder, L. C. do A. S. e Souza EXPERIMENTAÇÃO EM QUÍMICA POR MEIO DE AUDIÇÃO ESPECIAL</p>
<p>2. Adelto Cândido Grigório, Marcelo da Silva Freitas, Sabrina Bessa da Costa Ferreira, Roberto Carlos de Souza Pereira O VÍDEO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO ENSINO MÉDIO E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES</p>
<p>3. Agnaldo da Conceição Esquinalha, Bianca Rocha e Silva Coloneze, Rodrigo Ramos de Souza OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA</p>
<p>4. Alexandre Sotello de Castro, Bárbara Alejandra Alvez, Fábio Antunes Piassi, Luiz Fernando Mariano, Thales Oliveira Arakawa, Wallace Luiz de Assis Barbosa, Ana Paula Bemfeito, Érico Rodrigues Dourado, Marco Aurélio do Espírito Santo DIVULGANDO TEMAS ATUAIS DE FÍSICA CONTEMPORÂNEA: MECÂNICA QUÂNTICA</p>
<p>5. Amanda Codeça das Mercês, Cristiane dos Santos, Sant'Anna, Ismarcia Gonçalves Silva O USO DE MATERIAIS DE BAIXO CUSTO NAS AULAS EXPERIMENTAIS DE CIÊNCIAS/QUÍMICA</p>
<p>6. Amanda Marcelina Da Fonseca, Carlos Juliano Silva, Greicy Karla Teles Pereira Moreira, Joyce Souza, Renan Mendes dos Santos, Ana Paula Bemfeito, Renata Arruda Barros, Jaime Souza Oliveira DIVULGANDO TEMAS ATUAIS DE FÍSICA CONTEMPORÂNEA: TEORIA DO CAOS</p>
<p>7. Amanda Tavares Mota, Martha Rodrigues Oliveira, Juliana Tamy Bitencourt, Marcus Vinicius Fideles Nogueira, Renata Lacerda Caldas Martins</p>

UM ESTUDO PRELIMINAR DE CONCEPÇÕES NO CONTEXTO DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS
8. Ana Carla dos S. Beja NARRATIVAS REFLEXIVAS COMO ESTRATÉGIA DE/NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA
9. André Luiz Ferreira VETORES, POLARIDADE E GEOMETRIA DAS MOLÉCULAS
10. André Soares Velasco A ÁLGEBRA LINEAR E SUAS APLICAÇÕES PARA O ENSINO MÉDIO
11. Bárbara de Castro Dias, Renata Barbosa Dionysio, Rosane Tavares de Almeida PROFESSORES DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR SOBRE A SUA FORMAÇÃO
12. Bárbara Gonçalves Valença de Sousa, Maylta Brandão dos Anjos, Giselle Rôças HERANÇA HISTÓRICA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO GOVERNADOR ROBERTO SILVEIRA E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE
13. Bárbara Luciana Duarte do Nascimento, Edson Santos Wanderley Junior BIOPARÓDIAS: CANTANDO E APRENDENDO BIOLOGIA
14. Carla Elias Dias, Andréa de Moraes Silva, Suéle Maria de Lima, Angela Maria da Costa E Silva Coutinho CLUBE DE CIÊNCIA, CULTURA E ARTE NA ERA DO BLOG
15. Carmen Simone Macedo Figueiredo, Alexandre Maia do Bomfim ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS DA BAIXADA FLUMINENSE
16. Caroline Andrade de França, Kamila Costa do Nascimento, Sidnei Ribeiro Júnior, Carla Regina Gomes O REFLEXO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DA MATEMÁTICA
17. Christiane Maria Costa Carneiro Penha, Antonio Ricardo Penha O ENSINO DE MATEMÁTICA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
18. Cilmar Santos de Castro, Gilvan Vilarim, Alex Moreira Fonseca, Augusto Garcia Almeida CONSTRUINDO NOVOS CAMINHOS PARA UMA LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO DO IFRJ - PINHEIRAL

19. Cláudia Rocha de Carvalho Rangel, Luciana Cresta de Barros Dolinsky O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS, EM SALA DE AULA, POR PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
20. Cristiane Aparecida Fernandes de Jesus, Rodrigo Maciel Lima A INFLUÊNCIA DO SANEAMENTO BÁSICO NO PROCESSO SAÚDE DOENÇA NO BAIRRO CODIN EM CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
21. Cristiane dos Santos Pinto Sant'anna, D. L. de Castro, L. C. Do A. S. E Souza A APLICAÇÃO DO SOFTWARE AVOGADRO NO ENSINO MÉDIO
22. Cristianni Antunes Leal, Maria José da Silva de Oliveira Quirino, Sabrina Bessa da Costa Ferreira, Vânia Lucia de Oliveira ANÁLISE DAS MONOGRAFIAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA DO IFRJ/NILÓPOLIS – RJ – (2007 A 2010)
23. Cristina Da Silva Marques, Cristianni Antunes Leal, Maria José Da Silva de Oliveira Quirino, Teresa Cristina Lopes Medeiros Faruolo, Vânia Lúcia de Oliveira ANÁLISE DA METODOLOGIA DE ENSINO DE CIÊNCIAS NAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. QUAIS AS INFLUÊNCIAS DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E DA FORMAÇÃO INICIAL?
24. Cristina da Silva Marques, Maylta Brandão dos Anjos TRABALHANDO O TEMA NUTRIÇÃO DOS SERES VIVOS, NA PERSPECTIVA DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA PROPOSTA PELO PROFESSOR ATTICO CHASSOT
25. Daniel Frota Lima CONTRIBUIÇÃO DO WINPLOT NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA DO ENSINO MÉDIO
26. Denise Leal de Castro, Vieira de Oliveira Monteiro, Caroline Ferreira Santos, Jônatas Vicente Milato, Thais Petizero Dionízio, Thiago Rodrigues de Sá Alves QUÍMICA AMBIENTAL COMO TEMA GERADOR PARA ATIVIDADES PRÁTICAS DO PIBID EM TRÊS ESCOLAS DA BAIXADA FLUMINENSE
27. Edileuza Dias de Queiroz UM DIÁLOGO COM HENRY GIROUX PARA PENSAR A FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS CRÍTICOS

<p>28. Ellen Aparecida de Souza Oliveira, Rodrigo Maciel Lima A CARÊNCIA DE SANEAMENTO BÁSICO NO BAIRRO DA CODIN EM CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ</p>
<p>29. Emanuelle São Leão, Alexandre Lopes de Oliveira, Rodrigo Siqueira-Batista UMA ABORDAGEM SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA E DA PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE FÍSICA</p>
<p>30. Erika Barroso Dauanny, Selma Garrido Pimenta AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA A PARTIR DO ESTÁGIO</p>
<p>31. Érika Robaina de Barros, Rodrigo Maciel Lima PREVALÊNCIA DE TABAGISMO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PARTICULARES DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ</p>
<p>32. Geisa Maria Souza Nascimento, Karla Silene Oliveira Marinho, Leandro Santos de Assis, Lucia da Cruz de Almeida ENSINO DE FÍSICA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES NO INSTITUTO DE FÍSICA DA UFF</p>
<p>33. Heriédna Cardoso Guimarães, Laio Cavalcanti Cardozo, Monique Vieira Braga, Lucia da Cruz de Almeida, Ruth Bruno FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA</p>
<p>34. Hildebrando Almeida, Camila Sampaio, André Luiz Souza Silva RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COM USO DE INSTRUMENTOS DE MEDIDAS PARA O ENSINO DE TRIGONOMETRIA</p>
<p>35. Isabela Fontes Codeço, Polyana Soares Barcellos, Eurilene Tinoco, Kíssila Gonçalves de Souza, Benny Ribeiro Guedes, Gustavo Graciano Loureiro VISÃO INTERDISCIPLINAR DOS 5 SENTIDOS</p>
<p>36. Isabela Luz Marçal, Jaime Alves Severo Junior, André Luiz Souza Silva INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA TRIGONOMETRIA</p>
<p>37. Ivane Almeida Duvoisin, Dra. Débora Pereira Laurino, Dra. Maria do Carmo Galiazzi REDES DE CONVERSAÇÃO: VETORES DE POTENCIALIZAÇÃO PARA UM CURSO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA A DISTÂNCIA</p>

<p>38. Jéssica de Souza Ribeiro, Geórgia Amaral Mothé, Rodrigo Garrett da Costa  DESENVOLVIMENTO DE UM HIPERDOCUMENTO PARA O ENSINO-  APRENDIZAGEM DE TERMODINÂMICA</p>
<p>39. Joelma Conceição Severo Xavier, Marlúcia Cereja de Alencar,  Luciana de Abreu Rocha  O ENSINO DE CIÊNCIAS: IMPLEMENTANDO A EXPERIMENTOTECA</p>
<p>40. Jose Airton Chaves Cavalcante Junior, Angel Ramon Sanchez Delgado,  Jose Antonio Carlos Canedo Medeiros, Daniel Fonseca de Carvalho  MODELAGEM MATEMÁTICA APLICADA À OTIMIZAÇÃO DO USO DE RECURSOS  HÍDRICOS NA AGRICULTURA</p>
<p>41. Joyce Sthefane Costa de Souza, Dr. Vera Raimunda Amério Asseff  BULLYING NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: OS SABERES DOS  LICENCIANDOS  DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE  CAMPUS CAMPOS-CENTRO</p>
<p>42. Kelly Cristina Sá da Silva, Ricardo Motta Telo, Wellington Alves da Silva Júnior, Eliane Moreira da  Costa  MATEMÁTICA E ORIGAMI NA EDUCAÇÃO BÁSICA</p>
<p>43. Layzza Tardin da Silva, Maria Lucy Assis, Torquato Ferreira Pinheiro,  Simone Macedo da Hora, Valéria Macelino Terra  CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS MOLECULARES A PARTIR DO  REAPROVEITAMENTO DE GARRAFAS PET PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE  QUÍMICA ORGÂNICA</p>
<p>44. Lucélia Sandra Silva Barbosa Braga, Rosiney Rocha Almeida  PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O PERFIL DO  EDUCADOR QUE MELHOR CONTRIBUI PARA O APRENDIZADO DE BIOLOGIA</p>
<p>45. Luciano Nascimento Costa, Águida Cristina Dias Lucena,  André Luiz Souza Silva  HISTÓRIA DA MATEMÁTICA PARA O ENSINO DE TRIGONOMETRIA: O CASO DA  MEDIDA DA DISTÂNCIA DA TERRA AO SOL</p>
<p>46. Marcelo Pinto Pereira, Herivelto Nunes Paiva, Eugênio Cunha  O NÚMERO DE OURO: O ELO ENTRE HISTÓRIA, ARTE E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA</p>
<p>47. Marco Aurélio do Espírito Santo, Fernanda Cópio Esteves  PROJETO OLHANDO PARA O CÉU NO SUL FLUMINENSE: UMA CONTRIBUIÇÃO À</p>

<p>FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES</p>
<p>48. Milleni Mendonça Pessanha Pereira, Ronaldo Novelli, Vinícius Ferreira Pinto ESPAÇO DA CIÊNCIA – UENF: CONSCIENTIZANDO E INOVANDO A EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ</p>
<p>49. Priscila Cardoso Moraes, Giselle Rôças EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES</p>
<p>50. Renata Silva Barreto, Layzza Tardin da Silva, Rodrigo Garrett da Costa A PESQUISA NO ENSINO DE TERMODINÂMICA: ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM FÍSICA DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE</p>
<p>51. Robson Miranda Da Silva, Josiane da Fonte Teixeira, André Luiz Souza Silva TRIANGULARIZAÇÃO NA AGRIMENSURA PARA O ENSINO DE TRIGONOMETRIA</p>
<p>52. Rosane Tavares de Almeida O ENSINO DA FÍSICA A PARTIR DO GÊNERO LITERÁRIO FÁBULA</p>
<p>53. Samara Silva de Carvalho, Jorgina Rosete Teixeira A IMPORTÂNCIA DOS EXPERIMENTOS NO ENSINO DE FÍSICA</p>
<p>54. Sílvia Cristina de Souza Trajano, Jorge Cardoso Messeder SABERES NECESSÁRIOS A PRÁTICA DOCENTE EM ENSINO DE CIÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA: RELATO DE ATIVIDADE</p>
<p>55. Tâmmela Cristina Gomes Nunes, Tayná de Souza Gomes Simões, Vicente de Paulo Santos de Oliveira AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS FÍSICO-QUÍMICOS DA ÁGUA SUBTERRÂNEA UTILIZADA EM LOCALIDADES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ</p>
<p>56. Tatiana B. Vasconcelos, Rodrigo Maciel Lima BIODIESEL: UM TEMA INTERDISCIPLINAR NA QUÍMICA E AS CONCEPÇÕES DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO</p>
<p>57. Thaís Larissa Almeida de Carvalho, Suely Fernandes Coelho Lemos, Uani Rios Barral, Vera Raimunda Amério Asseff</p>

ENSINO DE CIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR
58. Thiago Henriques Fontenelle, Wanderson Barreto Corrêa LINGUAGEM CARTOGRÁFICA E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL: ATIVIDADES EXPERIMENTAIS NO COLÉGIO UNIVERSITÁRIO GERALDO REIS (NITERÓI/RJ)
59. Torquato Ferreira Pinheiro, Rodrigo Maciel Lima, Ingrid Ribeiro da Gama Rangel A IMPORTÂNCIA DE SE INVESTIGAR O TRABALHO DESENVOLVIDO NAS INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS NO USO/ABUSO DE DROGAS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, PARA AÇÕES MAIS EFETIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR
60. Victor R. Ribeiro, Mariana C. O. Telles, Isa Costa O ENSINO DE CONCEITOS FÍSICOS NO ÚLTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM ABORDAGENS TEÓRICOPRÁTICAS
61. Vinícius Ferreira Pinto, Milleni Mendonça Pessanha Pereira, Antônia Elenir Amâncio Oliveira O PAPEL DO LABORATÓRIO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS DA ESCOLA PÓLO DE ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS EM BIOLOGIA DA UENF

Disponível em: <http://construtoresdecidadania.blogspot.com/2011/05/encontro-fluminense-de-licenciaturas.html>. Acessado em 26 de outubro de 2022.

## Anexo B

### Quadro B. Roteiro para entrevista com os participantes do primeiro Enflic.

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que de imediato, você lembra do primeiro Enflic?</li> <li>2. Você tem algum material daquele Enflic que poderia compartilhar?</li> <li>3. Além do que você lembrou acima, que outra coisa marcou do Enflic?</li> <li>4. Você trabalhou em algum outro Enflic? Caso sim, o que destacaria e/ou o que compararia?</li> <li>5. Qual a importância do Enflic para o IFRJ?</li> <li>6. Lembra das pessoas que participaram organizando o evento? Pode citar alguns?</li> <li>7. Lembra de alguma palestra, de alguma fala que tenha sido muito marcante para você?</li> <li>8. Você acha que deveríamos continuar com novas edições de Enflic? Caso sim, o que não pode faltar na construção das novas edições?</li> <li>9. Quem mais, entre as pessoas que já se envolveram com o Enflic, não devemos deixar de entrevistar?</li> </ol>
---

## Índice Remissivo

### **E**

Encontro Fluminense, 8, 18  
Enflic, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19,  
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32  
Ensino de Ciências, 8, 10, 20

### **L**

Licenciaturas, 8, 10, 16, 18, 19, 20, 23

### **P**

Pibid, 59, 60, 61, 62, 63  
Política, 39

### **R**

Residência Pedagógica (RP), 59

## Sobre os organizadores



  **José Carlos Gonçalves Gaspar**

Mestre em Ensino de Ciências na Educação Básica pela Universidade do Grande Rio (Unigranrio), Especialista e Licenciado em Matemática pela UFF. Professor de Matemática na Educação Básica e Superior do IFRJ e da rede Municipal de Duque de Caxias. Membro do Projeto ConSeguir e foi um dos redatores da reestruturação curricular da rede municipal de Duque de Caxias (2019-2020). Autor de Materiais Didáticos pela Somos Educação e Editora Poliedro. Possui experiência em avaliação em larga escala (INEP/Fundação Cesgranrio) e com Educação a Distância (Fundação Cecierj/LANTE-UFF/CAEd). Membro atuante do Laboratório de Ensino de Matemática (LabEM-IFRJ). Contato:(21) 99881-2933



  **Luciene Fernanda da Silva**

Professora, licenciada em Física (2011) na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre (2015) e Doutora (2019) em Ciências - área de concentração: Ensino de Física na Universidade de São Paulo (USP). É professora de Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ), campus Nilópolis. E-mail: [luciene.silva@ifrj.edu.br](mailto:luciene.silva@ifrj.edu.br)



  **Sandra da Silva Viana**

Pedagoga formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana PPFH/UERJ, Mestre em Ensino de Ciências, formada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. Professora do Campus Nilópolis/IFRJ, ministrando as disciplinas: História, Política e Legislação da Educação (HPLE), Educação de Jovens e Adultos (EJA), Estágio Supervisionado e Currículo Sociedade nos cursos de licenciaturas. Atua também como professora orientadora do Projeto Integrador, no Curso Manutenção e Suporte em Informática, na modalidade EJA (PROEJA). Além de ministrar as disciplinas: Fundamentos, História e Legislação da EJA e Paradigmas Educacionais e Currículo em EJA, ambas no curso de Especialização em EJA.

## Sobre os autores



  **Alexandre Maia do Bomfim**

Pós-doutor em Educação pela PPGE - UFPE. Doutor em Ciências Humanas-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007). Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2001). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1996). PROFESSOR ASSOCIADO III em SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências - PROPEC (IFRJ). Pesquisa na área de Trabalho e Educação, Educação Ambiental. Conselheiro do Conselho Acadêmico de Ensino de Graduação (CAEG) do IFRJ 2020-2022. Conselheiro do Conselho Acadêmico de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (CAPOG) do IFRJ 2022-2024. Membro do Comitê Científico do GT 09 (Trabalho e Educação) da Anped. E-mail: alexandre.bomfim@ifrj.edu.br



  **Jaqueline Luzia da Silva**

Doutora em Educação (PUC-Rio - 2010). Mestre em Educação (UFRJ - 2005). Graduada em Ciências Sociais, com licenciatura em Sociologia (UFRJ - 2002). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (Faculdade de Educação), da área de Educação de Jovens e Adultos, onde atua na graduação. Professora voluntária do Programa Residência Pedagógica (Alfabetização - Pedagogia/UERJ). Membro do Colegiado do Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos. É autora do livro "Letramento: uma prática em busca da (re)leitura do mundo" e organizadora dos livros "Formação de Professores na Educação de Jovens e Adultos: temas em debate"; "Educação de Jovens e Adultos: reflexões a partir da prática" e "Orientação e Supervisão Educacional: reflexões sobre o fazer pedagógico", publicados pela Editora Wak. Contato: (21) 99160-3459. E-mail: jackluzia@yahoo.com.br



  **Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva**

Pedagoga, graduada em Pedagogia (1988) na Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (FFBS). Mestra (2001) em Educação Brasileira na Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora (2008) em Educação na Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutorado (2016) na Universidade de Campinas (UNICAMP) sob supervisão do professor Dr. Luiz Carlos de Freitas. É professora associada (DE) da Universidade de Brasília (UnB) no Departamento de Administração e Planejamento (PAD) da Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação. Coordena o grupo de pesquisa GEPFAPE - Grupo de Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos. E-mail: katiacurado@unb.br



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

